

08-12-2020

Estrutural

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Os últimos noticiários de Brasil me espantam por só terem agora descoberto o racismo estrutural. Meus pais foram criados nas praias portuguesas sem verem negros. Isto lá ouvi de minha mãe: *“As areias de nossas praias sempre foram da mesma cor, agora está a parecer que muda tudo.”*

Ela me disse isso quando um negrinho me chamou para brincar. Após as independências de Angola e Moçambique, a partir de 1975, as areias das praias de Portugal receberam peles negras. Mesmo assim, em ínfima quantidade (apenas 1,3% da população portuguesa é afrodescendente).

Já crescido, quando iniciei no surf, jamais vi um negro a surfar. Quando me dei conta de que isto nunca me havia chamado a atenção já era tarde. Já, agora, como cientista social, continuo surfista mas por ora chamo-me a mim a atenção. Olho aos lados e constato que vidas negras importam - mas não surfam. Não surfam mas já surfaram antes dos navios negreiros. Jean Barbot (1655-1712), explorador e escritor francês, observou no final do século XVII que os miúdos negritos d'África surfavam, de barriga, com pedaços de madeira e aglomerados de junco. Aos negros sequer se lhes permitem a descoberta de nossa paixão. A paixão do surf. Tampouco a paixão de frequentar os parlamentos, os judiciários, os altos escalões dos governos. Em Portugal e no Brasil. Em outros países com racismo estrutural violento como nos EUA, a concessão eventual a um negro chamado Obama de ocupar o mais alto cargo do país é tão devastadora sobre os racistas / supremacistas brancos / e porque não dizer nazistas que o resultado é, com mil perdões da má palavra: Trump.

A vingança dos racistas / nazistas é violenta. Elegem, para dizer quem manda, o mais sórdido dos homens ao alcance. Um homem negro na frente da nação mais poderosa do mundo é como um chute na cara da mãe de um racista supremacista branco nazista. Nazismo sabemos qual o remédio para saciar seus desejos: extermínio. Trump é o símbolo sexualizado da perversão supremacista branca / nazista para o orgasmo dos racistas estruturais.

Um branquelo de cabelo pintado escorrido na tinta, violento, mentiroso, assediador sexual, homofóbico e com o perdão da palavra: escroto, Trump é o retrato do racismo estrutural e da vingança dos racistas quando “desrespeitados”. Vosso presidente Jair M. B., sabidamente caricatura tropical do escroto acima, segue a lição imperial do racismo estrutural. Aliás, a bem da verdade, nem precisaria seguir ordens. Aí como cá - Brasil-Portugal - o racismo já está muito bem estruturado. Já vos basta e também a nós o que criamos por nossa conta e responsabilidade: o fim de uma coisa que não tinha razão

de existir: a escravidão negra. Ao extinguir o que nunca devia ter existido a coisa não se extingue ... nunca será extinto por um édito real, uma norma ou qualquer lei.

O racismo estrutural será extinto quando as sociedades humanas descobrirem que são sociedades humanas.

Me espanta cá de Portugal, racista tanto quanto vós, que não percebem meus patricios que além de o causarem e serem cúmplices ainda o perpetuam. O que dizer a meus alunos do Algarve, em meio ao paraíso do turismo português? O que dizer, mesmo recebendo alguns alunos pretos de outras terras? Pensei muito nisso nos últimos dias. Os assassinatos de pretos no Brasil, por aqui não causam comoção... Pois se cá, como eu houvera falado, não há quase pretos... Os que há usam bermudas e blusas coloridas e máquinas fotográficas de última geração, turistas, pois, advindos, talvez, das elites africanas que reproduzem o racismo estrutural... Pensei ... pensei... como dar uma aula de racismo estrutural aqui no Algarve?

Justo para os estudantes que advêm da classe abastada e que muitos só viram um preto do outro lado da rua ou como garçons de alguma taverna portuguesa ao vinho e ao fado? Ou à balada? Eu não queria fazer o mesmo do que tenho lido pelas mídias brasileiras: *mataram mais um negro durante averiguação; prefeita negra eleita desrespeitada; entregador preto impedido de entrar no condomínio; injúria racial não é racismo segundo o ministro do Supremo indicado por Bolsonaro*. Para os jovens portugueses que não vivem essas “manchetes”, mas também não sabem que seus bisavós foram os principais causadores desta ignomínia, minha conversa seria, todavia, vã. Pois surfei no domingo, antes da aula. Olhei aos lados amplos do oceano e nenhum negro vi. A maçã de Newton caiu-me à cabeça. Não sei se pela coincidência do fenómeno newtoniano ter ocorrido em quarentena da peste bubônica que afetou Londres entre 1665 e 1666 (a Grande Praga). Afinal, em plena pandemia do SARS-COV-2, o retorno às aulas me exigia uma aula que justificasse a volta alucinada da incerteza, ou seria a volta da incerta alucinação? Escolhi racismo estrutural e assim será... a escolha dos temas pelos professores de ciências humanas ainda não é considerada como autoritarismo (ainda não). Uma certa tensão me acompanhou ao corredor. Entrei firme na sala com menos alunos do que de hábito, todos de máscara. E eu. Certifiquei-me do distanciamento, tirei a máscara, dei bom dia e soltei minha primeira fake-news da minha história: *Estão assassinando portugueses no Brasil!* Após o silêncio, continuei: *Todo cidadão português que tenha algum parentesco antecedente ou descendente com negros será condenado à morte.*

Outro silêncio. Nem sabiam que no Brasil não havia pena de morte. Fiquei parado esperando a manifestação da maçã de Newton. Logo arremataram: **FILHOS da PUTA!!!**

A partir daí, comecei minha aula. Um dia eu conto o final.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.